

NOSSA OPINIÃO

/// Estudo do Iedi, intitulado “Dez Pontos para a Economia Crescer Mais”, adverte para necessidade de o país melhorar a força competitiva

CONDIÇÕES DE CRESCIMENTO

Uma das grandes aspirações da sociedade para o próximo governo é a volta do crescimento robusto da economia. Isso exige políticas eficazes de estímulo ao investimento e a remoção de obstáculos à competitividade. A tarefa é complexa, e os resultados não surgem da noite para o dia.

As principais mudanças e reformas necessárias para que o PIB cresça mais e de forma sustentável têm sido discutidas com frequência pela iniciativa privada e pela inteligência acadêmica. Nos últimos dias, tem ganhado destaque o alentado documento produzido pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Trata-se do documento intitulado “Dez Pontos para a Economia Crescer Mais”. O texto acentua que a crise global acirrou a disputa pelos mercados de produtos industriais e impôs padrão de competição mais intenso, “uma das razões que explicam a progressiva perda de mercados de exportação da indústria brasileira, assim como de fatias crescentes do mercado interno para produtos estrangeiros”.

O estudo sugere estas medidas: melhora na formação de mão de obra qualificada; acelerar a concessão de infraestrutura; substituir parte do gasto corrente do governo por investimento público; financiamentos de longo prazo ágeis e com custos compatíveis com o retorno e o risco dos investimentos; reforma tributária; incentivos à produtividade e à inovação; novas políticas de acordos internacionais visando a aumentar a inserção externa do Brasil; iniciativas para reforço de imagem e marca de produtos brasileiros; redução da burocracia e simplificação do conjunto de regras regulatórias; e mudanças da legislação trabalhista.

É fundamental que a sociedade, por meio das entidades civis que a representam, busque dos candidatos à Presidência da República e ao Congresso compromissos concretos com essas propostas. São pré-condições para o país recuperar a capacidade de bom crescimento econômico, indispensável à melhoria da renda e do padrão de vida da população.

“

EU DIGO QUE...

“Dizem que não foi pênalti. Para mim ele é tocado, porém Fred exagera. Foi um presentinho, estamos no Brasil...”

— **Diego Maradona**

Ex-jogador argentino, alfinetando a arbitragem na partida do Brasil contra a Croácia

“Para mim é um orgulho jogar pela Espanha. Como tinha o direito de escolher (jogar pela Espanha), eles tinham o direito de me vaiar”

— **Diego Costa**

Atacante brasileiro naturalizado espanhol, comentando as vaias que recebeu da torcida brasileira na derrota da Espanha para a Holanda, na Arena Fonte Nova, na Bahia

Tarcísio Bahia

É doutor em Arquitetura, professor da Ufes e conselheiro do IAB/ES

/// A capital capixaba vem perdendo importância proporcional no comércio metropolitano, fruto da dinamização urbana da Grande Vitória

Vitória está menos forte

Vitória, cujo território é espremido entre água e morro, tem vocação para o setor de serviços, isto é, aqui não há espaço para atividades relacionadas com a agricultura ou indústria, seja de extração ou transformação, apesar de o município abrigar sedes de empresas dedicadas a tais segmentos econômicos. O setor de serviços tem no comércio forte representação na cadeia econômica da cidade em termos de geração de arrecadação e emprego. Alguns fatos recentes vistos isoladamente, porém, causam certa preocupação quanto analisados em conjunto.

Enquanto pesquisas de opinião indicam que uma das preferências dos capixabas é justamente frequentar shopping center e ali consumir, parte da sociedade local manifestou-se contrariamente à expansão do principal centro de compras da cidade, no que para alguns foi mais uma demonstração de demofobia – rejeição social – contra os usuários daquele equipamento. Já os municípios vizinhos são os que vêm recebendo os novos shopping centers, descentralizando o consumo, o que contribui para a mobilidade da Grande Vitória, mas enfraquece o potencial eco-

nômico da capital do Espírito Santo.

Soma-se a isso a preocupante constatação do fechamento generalizado do comércio de rua em vários bairros e pontualmente em determinadas vias da cidade, como no caso das avenidas Rio Branco em Santa Lúcia e Leitão da Silva em Bento Ferreira. As causas aí são muitas: momento ruim da economia do país com ameaça de inflação, aumento no valor dos aluguéis, furtos e assaltos, dificuldade de circular e até estacionar etc. Mas, talvez, a principal razão seja mesmo a dinamização urbana da Grande Vitória. O pior é que esse é um processo que, uma vez iniciado numa região, é difícil de estancar. Ou seja, Vitória vem perdendo importância proporcional no comércio metropolitano.

Muitos comerciantes não desistiram simplesmente dos seus negócios, apenas transferiram suas empresas para outro local na qual eles veem atualmente mais possibilidade de êxito comercial. É o que ocorre na região de Laranjeiras, na Serra, por exemplo.

Matéria recentemente publicada em A GAZETA que tratou do nível de imóveis comerciais ociosos na Grande Vitória, divulgou que a taxa de vacância é superior ao recomendado por analistas do mercado imobiliário, apesar de estar dentro da média nacional. E a Serra aparece justamente com um número ainda maior de imóveis nessas condições, mas já na expectativa reverter tal tendência, isto é, com o crescimento do seu polo comercial, puxado pelo aumento significativo de unidades residenciais naquela região.